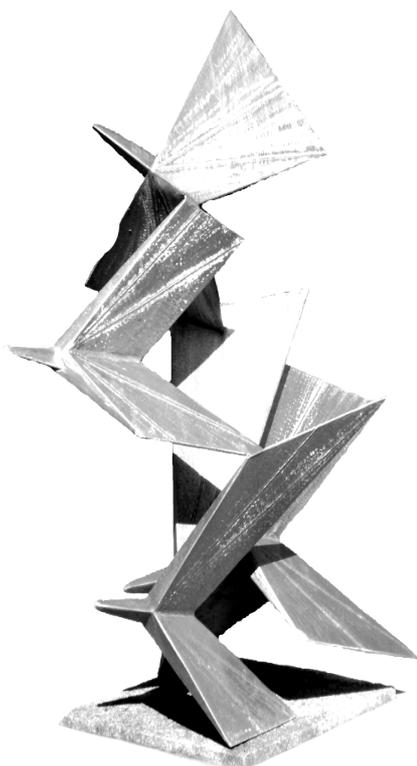


# Patrimônio: o lixo

## *Heritage: the trash*



***Vânia Valduga***

Graduação em andamento.  
Biblioteconomia (UFRGS).  
[vaniav40@hotmail.com](mailto:vaniav40@hotmail.com)

***Lizete Dias de Oliveira***

Professora do curso de Museologia da  
UFRGS; Departamento de Ciências da  
Informação, Faculdade de Biblioteconomia  
e Comunicação (FABICO), UFRGS.  
Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação e Informação  
(FABICO/UFRGS)  
[lee7@ufrgs.com](mailto:lee7@ufrgs.com)

Recebido para publicação em dezembro de 2010.  
Aprovado para publicação em março de 2011.

## RESUMO

Através de um trajeto urbano, identificam-se objetos e paisagens que podem ser percebidos como patrimônio, ligados à memória social. Sendo produto das atividades humanas, o lixo passa a ser nomeado patrimônio cultural, o qual será herdado pelas gerações futuras. Dessa forma, amplia-se o conceito de patrimônio, desfazendo a ideia, herdada desde a Revolução Francesa, com origens na Grécia Clássica, de que o patrimônio esteja ligado ao conceito de belo, simétrico, perfeito e ao qual se atribui algum valor. Fruto de ação cultural e cotidiana, o lixo, entendido como patrimônio, insere-se na paisagem, modificando nossa concepção de bens culturais e ambientais. Conclui-se que o lixo pode ser entendido como monumento, não intencional, obra que transforma a paisagem e narra a história cotidiana da sociedade que o produziu.

**Palavras-chave:** Patrimônio; lixo; Terra; arqueologia.

## ABSTRACT

Through an urban path, identify objects and landscapes that could be perceived as an asset linked to social memory. Being a product of human activities, the garbage is to be named cultural heritage that will be inherited by future generations. In this way the concept of heritage, dispelling the idea, inherited from the French Revolution, with origins in Classical Greece, that heritage is linked to the concept of beauty, symmetrical, perfect and in which it attaches some value. Fruit of the cultural and daily action, the garbage, understood as equity, is part of the landscape, changing our conception of cultural and environmental assets. It concludes that the garbage can be understood as a monument, unintended works that transform the landscape and tell the everyday life history of the society that produced it.

**Keywords:** Heritage; trash; Earth; archaeology.

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

**Introdução**

Há, pois, um certo tom patético no encantamento por um patrimônio constituído por alguns vestígios materiais. Prepara-se uma herança, mas não sabemos ao certo quem serão os herdeiros, de tal forma vivemos assombrados pelo espectro da destruição total.<sup>1</sup>

Na década de 1980 os lixeiros de Porto Alegre entraram em greve. Em alguns dias a cidade ficou tomada pelo lixo, produto do descarte de nossas atividades diárias. Os lixões de Porto Alegre recebem diariamente 1,4 mil toneladas<sup>2</sup> de detritos.

Em 2010 no Rio de Janeiro, o Morro do Bumba desabou. O morro era um antigo depósito de lixo, que quando veio abaixo, soterrou 134 pessoas.

Em 1789, quando na França foram secularizados os bens do clero e confiscados os dos imigrantes, o Estado precisou responsabilizar-se por enormes fortunas. Destinada aos administradores da Republicana Francesa, a *Instruction sur la manière d'inventorier et de conserver*, do Ano II, afirmava: “Vocês são apenas os depositários de um bem do qual a grande família tem o direito”.<sup>3</sup>

Entre esses três momentos históricos, existe em comum certo conceito de patrimônio, entendido como a herança que deixamos às futuras gerações. No caso da nossa civilização industrial, a principal herança é o lixo, produto de nossas atividades cotidianas. Em um sentido semiótico, o lixo possui algo de *Secundidade*<sup>4</sup> dado pela sua presença e concretude, situado historicamente em relação *ao consumido*.

A cultura material, e seu resgate futuro, oferece, também, uma dimensão do simbólico, de *Terceiridade*,<sup>5</sup> *do consumir*, dimensão do efêmero que pretende compensar a falta constante proporcionada pela “fetichização da mercadoria”.<sup>6</sup> Produzimos mais, consumimos mais, descartamos mais. Nunca se produziu tanto lixo, empurrados pelo consumo que assume o falso sentimento de satisfação: um estado passageiro que leva a um novo estado, o de querer mais. Em uma sociedade baseada no consumo, o acúmulo de lixo é um patrimônio deixado para as gerações futuras. Vestígios de uma sociedade industrial, embalagens e objetos retirados do circuito de utilização e descartados em espaços públicos.

Paradoxalmente, enquanto a produção industrial multiplica objetos descartáveis, um discurso conservadorista

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

e preservacionista ganha fôlego, oferecendo uma sensação de *compensação* por nosso extremo consumo. Como afirma Marc Guillaume,

a nossa cultura moderna rejeita um certo modo de presença do passado no presente e no mesmo movimento vai acumulando os seus restos. Inconsolável civilização que recusa a alma mas acumula os restos e os signos.<sup>7</sup>

Nesse acumular, busca a compensação das perdas no passado, um saudosismo apegado ao que não tem retorno e, enquanto isso, a máquina de produção dá continuidade à “renovação do consumo.”<sup>8</sup>

O presente artigo apresenta reflexões provocadas por um exercício de sensibilização e de compreensão do patrimônio, uma adaptação da metodologia arqueológica de prospecção e plotagem, aplicada a espaços urbanos. Através de um caminhamento de trajetos dentro da cidade de Porto Alegre, registramos vestígios de atividade humana, identificando objetos e paisagens que poderiam ser percebidos como patrimônio. Percebeu-se que o principal patrimônio deixado por nossa sociedade industrial é o lixo, resultado da ação humana, produzido e abandonado nas ruas das cidades e/ou em lixões.

Numa perspectiva diacrônica, o lixo como marca de uma época, é um monumento, um documento não intencional e um objeto de estudo cultural. A palavra Monumento foi difundida por Montfaucon, para referir-se a “um testemunho da história, uma referência para conhecer a vida das gerações desaparecidas”.<sup>9</sup> Tal percepção implica na necessidade de uma urgente reformulação do próprio conceito de patrimônio, historicamente ligado à ideia do belo, ao sublime. Propomos resgatar o sentido que o liga à herança, independente de seu valor estético ou mesmo monetário. Para entendermos e formularmos um novo conceito de patrimônio é necessário uma prospecção arqueológica nas suas próprias origens. Identificamos três camadas de sentidos: um religioso, um nacional e um ambiental.

## 1 Patrimônio

O sentido de patrimônio está constituído de camadas sobrepostas, à imagem de um palimpsesto. Explorando tais camadas, principalmente em suas origens francesas, trazemos à tona os princípios, os fundamentos e as implicações da noção de patrimônio em

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

um aspecto do religioso, também ligada à da monarquia e do ambiental.

**1.1 O sentido religioso**

Uma primeira camada, mais profunda, liga o patrimônio ao religioso, ao conceito cristão de “herança sagrada da fé,”<sup>10</sup> ao culto de certos objetos, relacionados à memória da materialidade da Encarnação de Deus. Coroa de espinhos, Santo Sudário, pedaços da cruz, são *realia* da fé considerados patrimônio da humanidade por seu caráter probatório de testemunhar sobre a passagem de Cristo sobre a terra. Nesse mesmo sentido, os corpos de santos, que o Espírito Santo havia usado como instrumento de suas obras torna-se patrimônio. As relíquias foram sendo progressivamente retiradas da exibição pública, passando a circular apenas em ocasiões especiais. O culto às relíquias, como fundamento da Cristandade, continua importante até os dias de hoje em inúmeras regiões do planeta. Milhares de peregrinos, por exemplo, visitam o Coração de Roque González, um dos mártires das Missões Jesuíticas assassinado pelos Guarani durante o processo de cristianização. Seu coração é uma das mais importantes

reliquias cristãs da América que circula pela região platina<sup>11</sup>.

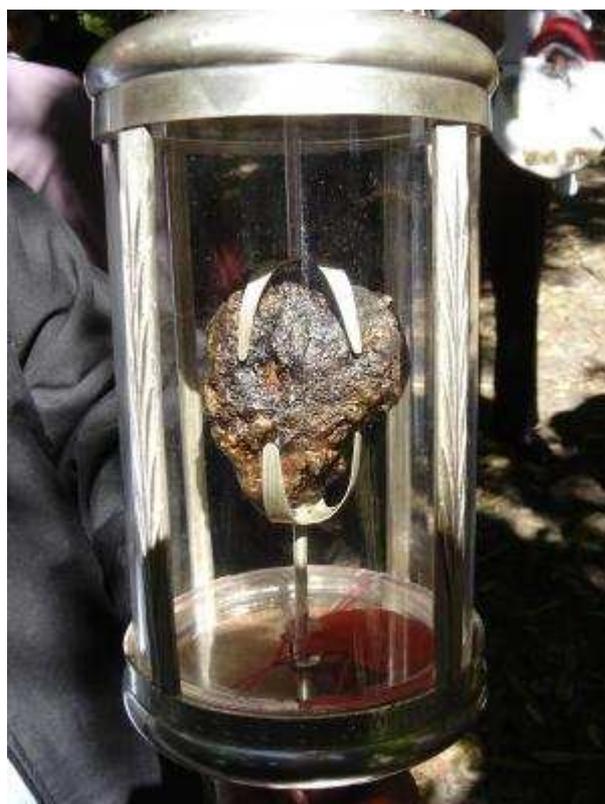


Imagem 1: Relíquia: Coração de Roque González<sup>12</sup>

Se as relíquias eram propriedade da Igreja, que as havia herdado como patrimônio, aos nobres era permitido possuí-las, guardando-as nas *capsellae*. Na Europa, durante a época dos governos itinerantes, cada objeto e seus monumentos pertenciam a seu próprio aparelho e eram guardados em um segredo ligado ao sagrado. Entre os objetos sagrados, os *regalia* da monarquia francesa, o manto de

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

São Martin— a *cappa* —, era o mais importante, sendo carregado em cada batalha como forma de proteção divina aos reis. Da capa de San Martin deriva a palavra *chappelle* (capela), que, inicialmente, significava o lugar onde a mesma era conservada. Mais tarde, o sentido foi ampliado para referir-se a todo edifício religioso onde se guardam as relíquias.<sup>13</sup>

Os *regalia* são instrumentos do sagrado e da coroa, mas não eram inalienáveis. Ao mesmo tempo, eram signo da perenidade da monarquia, mas, também, reserva de metais e de pedras preciosas suscetíveis de serem vendidas ou fundidas em casos de necessidade, como ocorreu na Guerra dos Cem Anos ou nas Guerras de Religião na França. Para possuí-las, todos os meios, lícitos ou ilícitos, eram válidos; vários são os relatos de furtos de relíquias.<sup>14</sup>

Ao contrário das relíquias, que poderiam ser compradas ou vendidas, mas que não eram necessariamente hereditárias, os livros e arquivos recebiam um cuidado especial por parte dos reis, no sentido de transmiti-los aos seus sucessores como bens preciosos, principalmente quando se tratava de manuscritos ou iluminuras, como é o caso citado por Babelon e Chastel<sup>15</sup>, do *Livro das Horas* de Jeanne

d'Évreux. Frequentemente, encontram-se menções desse desejo voluntário de transmissão aos descendentes, inscritas no próprio livro. Os arquivos também mereciam cuidado com sua conservação, como no caso dos documentos da Abadia de Saint-Denis, que provavam a antiguidade de seu estabelecimento. Outro exemplo de cuidado em relação à conservação de livros e manuscritos é a obrigatoriedade, desde 1537, do Depôt Legal, ou seja, a obrigação de todos os editores de depositar um exemplar de cada obra nas mãos de um bibliotecário do rei da França. Os monumentos são protegidos pelo mesmo cuidado de conservação, estabelecido desde François I e confirmado ao longo de várias obras no século XVI.

Patrimônio da Igreja ou propriedade de nobres, a relíquia também possuía o poder de santificar as igrejas locais, tornando-se bem comum de toda comunidade cristã, e, conseqüentemente, consolidando um sentimento de identidade da comunidade. Esses espaços de guarda do patrimônio tornaram-se locais de atração das populações, em que a estética e o temor ligado à ideia de milagres se mesclavam.

Nas igrejas de peregrinação somos atraídos por uma *aura* milagrosa, mas também por uma apreciação difusa da beleza, de uma parte, e da antiguidade de outra, duas noções estreitamente

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

ligadas até os dias de hoje. Das *miracula a mirabilia*".<sup>16</sup>

A *mirabilia* é um termo clássico, posteriormente retomado pelos românticos que envolve um valor estético, mas, também, certo temor respeitoso, do qual o gótico é o maior exemplo.

De uma primeira noção de patrimônio fundada na veneração, na quase idolatria de indícios que testemunhava a passagem de Deus pela terra, ou de corpos tocados pelo Espírito Santo, as relíquias passaram a afirmar a identidade da comunidade que as possuíam. Entretanto, os governos monárquicos só tiveram sensibilidade para uma política patrimonial com a criação de Museus e o cuidado com as coleções públicas.

**1.2 O sentido nacional**

Em 1789, quando foram secularizados os bens do clero e confiscados os bens dos imigrantes, o Estado francês responsabilizou-se por enormes fortunas e por edifícios, monumentos e obras de arte, que em momentos revolucionários, sofrem o mesmo destino que os símbolos que eles veiculam. Essa prática iconoclasta se faz presente e como exemplo, tem-se o aconteceu na Guerra do Iraque (década de 2000), quando Bagdá foi saqueada e os

símbolos de Saddam Hussein foram destruídos.



Imagem 2: Invasão do Iraque. 2003.<sup>17</sup>

Conforme lembra Chastel<sup>18</sup>, na França Revolucionária a lista de prédios destinados à demolição era enorme. Essa tendência a apagar os símbolos da realeza estendeu-se inclusive aos livros, como os da Biblioteca Real, dos quais se pretendeu mutilá-los retirando as páginas onde constavam as insígnias reais. A forma de protegê-los foi atribuindo-lhes o mesmo estatuto que o das obras de arte.

O sentido de patrimônio, como bens da comunidade, foi ampliado na França, pela primeira, às obras de arte, tanto em função dos valores tradicionais a que elas se ligam — e que as explicam —, como em nome do sentimento de uma nova ligação comum, de uma riqueza moral da nação inteira. Em um texto fundante, o Presidente da Comissão das Artes, Jean-

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

Baptiste Mathieu, expunha sua principal preocupação: inventariar, ou seja, identificar, reconhecer e inscrever para a nação suas obras. Nunca foi colocado de forma tão eloquente o poder dos objetos “que a história consulta, que as artes estudam, que o filósofo observa, que nossos olhos amam olhar”<sup>19</sup>, em nome de qualidade “que dá uma espécie de existência ao passado”.<sup>20</sup> Identifica-se um poder de cultura, “a noção moderna de patrimônio começa a aparecer através de um cuidado moral e pedagógico, mas também ligada à estética das obras de arte”.<sup>21</sup>

As destruições, impulsionadas por uma onda de valorização das antiguidades, excitava às depredações, alterando toda a paisagem da França. Conforme afirmava Vitor Hugo:

Quaisquer que sejam os direitos de propriedade, a destruição de um edifício histórico e monumental não deve ser permitida aos seus ignóbeis especuladores que seu interesse cego sobre sua honra [...]. Existem duas coisas em um edifício: sua utilização e sua beleza. Seu uso pertence ao proprietário, sua beleza a todo mundo; destruí-lo é ultrapassar seu direito.<sup>22</sup>

Nesse processo, identificamos um entrecruzamento entre curiosidade, uma arqueologia ainda incipiente, mas que fora responsabilizada por definir o patrimônio nacional a partir da cultura material e a prática de comerciantes que visavam

vantagens comerciais sobre a ideia de patrimônio, jogando no mercado as antigas obras de arte.

Nesse contexto de ameaças ao patrimônio aparecem dois importantes instrumentos para sua proteção: o inventário e os museus. Se num primeiro momento, uma política de proteção e conservação retirava os monumentos de seus lugares originais, remontando-os arbitrariamente em museus, essa prática acabou por preconizar a conservação *in situ*, que os mantivesse nos seus “locais originais”.<sup>23</sup> Muitos castelos, conventos e igrejas foram preservados com nova utilização, mas seus objetos, móveis e esculturas estariam condenados à dispersão.

O Museu dos Monumentos Franceses, entre 1793 e 1818, foi responsável pela conservação dos vestígios arqueológicos. Este assumiu papel fundamental para a conservação, excitando um sentimento romântico, que conduziu a uma definição e proteção do patrimônio medieval, no qual se fixava as origens da nação francesa. Como sempre, os vestígios arqueológicos mais antigos assumiam importância enorme na definição da identidade nacional, mas seria preciso decidir entre os Celtas, Romanos ou Francos como os fundadores da nação.

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

Cabe lembrar que a expressão *monumento histórico* aparece pela primeira vez em 1790, em um prospecto *d'Aubin-Louis Millin*, chamado *Antiquités nationales*: “É aos monumentos históricos que nós nos ligamos principalmente”<sup>24</sup>. Monumentos significavam edifícios, túmulos, estátuas, vitraux, tudo que pode fixar, ilustrar e precisar a história nacional.

O gosto pelas ruínas atingiu grande importância em um contexto histórico onde a paisagem mudava radicalmente. As litografias populares, os quadros de paisagem, retratavam em tons de melancolia poética a imagem do passado que se perdia rapidamente. O sentido do patrimônio nacional foi formado, não apenas como uma valorização à obra de séculos, mas, também, por meditação fúnebre, a busca por um luto, que como lembra Guillaume<sup>25</sup> é o trabalho da política do patrimônio.



Imagem 3: Hubert Robert (Paris, 1733 – 1808)<sup>26</sup>

O patrimônio era mais bem entendido na ruína patética ou pitoresca, que dá o choque da usura ou no monumento triunfalmente restaurado? Durante o século XIX, as duas atitudes coexistiram, uma alimentada por um sentimento de nostalgia poética, a outra respondendo a uma exalação do presente. Ruskin (1850) denunciava a prática francesa que “deixou os edifícios ao abandono para restaurá-los em seguida”.<sup>27</sup> Chegando ao paradoxo não intervencionista, reconhecia-se a ruína como mais sugestiva, ao menos no sentido em que ela possui a “autenticidade do passado”<sup>28</sup>. Existe nisso alguma verdade, pois o edifício renovado faz esquecer o original ao mesmo tempo que o vestígio, substituindo-o, em um terceiro e novo estado, conforme nossas necessidades, nossas idéias e nossas sensibilidades. É o patrimônio dobrando-se à pedagogia, à decoração, às nossas evidências atuais.

### 1.3 O sentido ambiental

No século XIX, e início do século XX, na Áustria, Alois Riegel propôs interpretação mais completa do patrimônio, abordando o problema das relações da cidade e das obras antigas, estabelecendo os diversos valores implicados no

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

conceito.<sup>29</sup> Com base nos estudos de Riegel, ampliamos o conceito de patrimônio, considerando não apenas o tradicional valor estético, de culto ou histórico, fundando-o em dois aspectos fundamentais: na valorização da atividade humana, principalmente as atividades cotidianas, e num sentido de herança inserida na paisagem, que deixamos às próximas gerações. Dentro dessa perspectiva, reconhecemos, o lixo é o mais importante patrimônio de nossa sociedade industrial.

Tal noção é implicitamente adotada pela Arqueologia no final do século XX, primeiramente pela Arqueologia Processual, que pesquisa os locais de descarte de unidades de moradia. Sendo um documento não intencional, o lixo é uma herança que narra a história cotidiana de uma sociedade, pois como coloca José Reginaldo Gonçalves, “os patrimônios fazem parte do dia-a-dia da vida dos diversos segmentos sociais.”<sup>30</sup> A arqueologia estuda os artefatos produzidos pelo homem no passado. Artefatos estes considerados fonte de informação do procedimento que determinados grupos utilizaram para ações cotidianas e que expõe determinada forma de comportamento. “[...] o conjunto de objetos recuperados pelo arqueólogo, parte

da cultura material, é um segmento significativo de um sistema cultural mais amplo, [...]”<sup>31</sup>

O lixo acumulado é o resultado de uma “ordem do consumo,”<sup>32</sup> uma característica social imposta no processo de produção material em que se encontra a sociedade baseada no consumo, à espreita de novidades, numa ilusão da abundância e do descartável. É no dia a dia que o empurrão para o consumismo é imposto, mídia e sociedade unidas para converter consumo em satisfação, que vai deixando atrás de si, um rastro de destruição e poluição do planeta.

Nesse descartar recria-se uma paisagem, um patrimônio, sítios arqueológicos futuros, onde se acumulam plásticos, eletrônicos (que se tornam obsoletos num *pisar de olhos*), resíduos de atividades humanas. Nunca a sociedade produziu tanto lixo, empurrada pela contínua máquina de produção; consumir é uma obrigação disfarçada de falsa satisfação: um estado passageiro que leva ao querer mais.

Enquanto as facilidades do descartável trazem um conforto tão ilusório e efêmero quanto os próprios objetos, produz-se lixo em excesso. No oposto dessa *ordem consumista* está quem vive do que é descartado. Várias atividades giram

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

em torno do lixo, enquanto alguns consomem, outros reciclam. A partir da reciclagem as pessoas de determinada sociedade geram outros tipos de objetos que são também soluções impostas ao consumismo. A mão-de-obra catadora e recicladora é a definição de uma parcela da sociedade, e tanto quem consome como quem se beneficia dos restos desse consumo, possui papel representativo na manutenção da máquina produtiva.

Segundo o *Manual de boas práticas ambientais*<sup>33</sup>:

Por dia cada ser humano joga fora quase 1 quilo de lixo. Em todo o planeta, só de lixo domiciliar, são mais de dois milhões de toneladas por dia, mais de 600 milhões de toneladas por ano. O volume de lixo produzido no planeta está relacionado diretamente à evolução da economia. Os produtos descartáveis invadiram nosso dia a dia. Foram trazidos pela conveniência, são mais simples, úteis, mas trazem um grande problema na hora de jogá-los fora.

Segundo o mesmo *Manual*, em relação à reciclagem, no Brasil são geradas 240 mil toneladas de lixo por dia, sendo que apenas, 5% de todo lixo gerado no país é reciclado. O que o Brasil recicla está sintetizado na tabela a seguir.

O que o Brasil recicla?  
Dados referentes ao ano de 2008.

Material	Reciclagem (%)	Método
Resíduos orgânicos domésticos	1,5	Compostagem
Óleo lubrificante	22	-
Resina plástica PET (polietileno tereftalato)	40	-
Embalagens de vidro	45	-
Volume total de papelão ondulado	77,3	-
Latas de alumínio	89	-
Papel	35	-

Fonte: SENADO FEDERAL,  
*Manual de boas práticas ambientais*.

Dentro desses números, a ação dos catadores permite os processos de reciclagem. A partir desse processo, é possível criar outros objetos, artistas populares produzem artefatos que representam um patrimônio, nem sempre reconhecido, mas presente, e que ficará como registro de soluções impostas por nossa sociedade baseada no consumo. O lixo é um produto que se transforma e se expande, é recriado para atender às demandas culturais e uma forma de

### **Patrimônio: o lixo**

*Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira*

permitir uma renovação do planeta sem o risco de destruí-lo.



Imagem 4<sup>34</sup>

### **Considerações finais**

O patrimônio cultural de uma nação não é simplesmente uma coleção de objetos exposta em museus ou presente na arquitetura de cidades com base em valores estéticos. Se concordarmos que nem todo patrimônio é belo, aceitamos que tudo que é herdado é patrimônio, pois sobreviveu ao passado e trouxe consigo memórias individuais e coletivas. Patrimônio é:

todo um vasto e heteróclito conjunto de objetos materiais que circula significativamente em nossa vida social por intermédio das categorias culturais ou dos sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos.<sup>35</sup>

Realizamos uma arqueologia nas diversas camadas do conceito de patrimônio compreendendo os vários

níveis que o compõe: religioso, nacional e ambiental. Em uma visão ambiental, propomos observar o lixo como patrimônio, seguindo sua trajetória desde sua presença inicial como descarte do consumo jogado nas ruas, até sua possível transformação através da reciclagem, o que inclui cuidados em relação à matéria-prima utilizada na produção dos objetos, com vistas a não contaminação do meio ambiente.

O lixo muda a paisagem e narra à história cotidiana de uma sociedade. Nossa sociedade industrial está afogada em um paradoxo que implica em produzir mercadorias destinadas a pouco durar, e, portanto ao rápido descarte, e ao querer preservar esses objetos, no falso sentimento de que a memória está ligada ao material. É a ordem capitalista que faz produzir, consumir e descartar, que contrasta com um discurso de patrimônio ligado ao conservadorismo.

O passado representado por um patrimônio comunica uma tradição, coletiva ou individual, onde os objetos cultuados “são as testemunhas e os monumentos”<sup>36</sup> trazidos deste passado para ocuparem seus lugares de símbolos presentes. Todo objeto patrimonial contém uma história, seja individual ou coletiva, “O objecto é a relíquia de toda uma

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

história, e esta história está lá encolhida dentro dele.”<sup>37</sup>.

O patrimônio material formado por objetos, documentos, monumentos “matéria bruta do passado”,<sup>38</sup> está em busca do que é irreversível. Na materialização para compensar a nostalgia, está a tentativa de reter e de atribuir uma significação, um valor, buscando resgatar o passado. Mas “o passado não cessa de nos fugir”.<sup>39</sup> Todas as coisas se tornam passado. Conservar os objetos na tentativa de resgatar o passado — esta parece ser a função do patrimônio político nostálgico —, que traz memórias de heróis e de tempos saudáveis. Mesmo quando a história é modificada por questões públicas ou individuais, ainda assim, o objeto é saudado como signo de *bons tempos*, pois dele emana a recordação atribuída por ordem discreta e política, social ou individual que o torna valoroso pelo seu saudosismo. Mas, conscientes das diversas camadas que compõem nossa visão de patrimônio, temos uma possibilidade de escolha, baseada na consciência ambiental, a partir da qual o lixo faz parte da paisagem. E, como lembra Marc Guillaume<sup>40</sup> “a liberdade de escolher no presente faz com que o passado seja, ele também, a todo o momento, escolhido.”.

**Patrimônio: o lixo**

Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira

<sup>1</sup>GUILLAUME, Marc. *A política do patrimônio*. Tradução Joana Caspurro. Porto: Campo das Letras, 2003. (Campo das ciências – 11). p. 40.

<sup>2</sup>Disponível em:

<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=173203>. Acesso em Nov. 2010.

<sup>3</sup>BABELON, Jean-Pierre; CHASTEL, André. *La notion de patrimoine*. Paris, 1994. p. 25.

<sup>4</sup>OLIVEIRA, Lizete Dias de. *Les réductions guarani de la Province Jésuite du Paraguay: étude historique et sémiotique*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 1997.

<sup>5</sup>OLIVEIRA, loc. cit.

<sup>6</sup>CANEVACCI, Massimo. *Comunicação Visual: olhares fetichistas, polifônicos, sincréticos sobre corpos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

<sup>7</sup>GUILLAUME, op. Cit., p. 93.

<sup>8</sup>Ibid., p. 98.

<sup>9</sup>BABELON; CHASTEL, op. cit., p. 25.

<sup>10</sup>BABELON; CHASTEL, op. cit., p. 13.

<sup>11</sup>Disponível em:

[http://www.folhadesaborja.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2449:coracao-do-padre-roque-gonzales-esta-em-sao-borja&catid=73:capa](http://www.folhadesaborja.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2449:coracao-do-padre-roque-gonzales-esta-em-sao-borja&catid=73:capa), acesso em 29 nov. 2010.

<sup>12</sup>Coração de Roque Gonzalez. Imagem 1. Disponível em:

<http://www.radiocaibate.com.br/index.php?p=noticias&id=3848>. Acesso em 29 nov. 2010.

<sup>13</sup>BABELON; CHASTEL, op. cit., p. 29.

<sup>14</sup>Ibid., 1994, passim.

<sup>15</sup>Ibid., 1994, passim.

<sup>16</sup>Ibid., p. 21.

<sup>17</sup>Invasão do Iraque. Imagem 2. Disponível em:

<http://www.dzai.com.br/static/user//21/21106/86c9894f3a3efcde3bf49a3f8c19c68b.jpg>.

Acesso em: 29 nov. 2010.

<sup>18</sup>BABELON, CHASTEL, 1994, passim.

<sup>19</sup>Ibid., p.59.

<sup>20</sup>Ibid., p. 59.

<sup>21</sup>Ibid., p. 59.

<sup>22</sup>VITOR HUGO, 1832 apud BABELON; CHASTEL, op. cit., p. 69.

<sup>23</sup>Ibid., p. 68.

<sup>24</sup>BABELON; CHASTEL, op. cit., p. 71.

<sup>25</sup>GUILLAUME, op. cit.

<sup>26</sup>Imagem 3: Paris. Hubert Robert. Disponível em:

[http://www.photos-galleries.com/wp-content/uploads/2008/12/louvre\\_ruine.jpg](http://www.photos-galleries.com/wp-content/uploads/2008/12/louvre_ruine.jpg). Acesso em 29 nov. 2010.

<sup>27</sup>RUSKIN apud. BABELON; CHASTEL., op. cit., p. 83.

<sup>28</sup>RIEGL, Aloïs. *El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen*. 3ª ed. Boadilla del

Monte: A. Machado Libros, 2008. 99 p.

<sup>29</sup>RIEGL, 2008, passim.

<sup>30</sup>GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios

culturais como gênero de discurso. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Ministério da cultura, Instituto histórico e artístico nacional, departamento de museus e centros culturais, 2007. (Museu, memória e cidadania). p. 154.

<sup>31</sup>AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e transferência da informação. *Ciência da informação*. v. 37, n. 3, p. 7-

17, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n3/v37n3a01.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

<sup>32</sup>BRAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995. p.24.

<sup>33</sup>SENADO FEDERAL. Programa SenadoVerde. *Manual de boas práticas ambientais*. Pesquisa e redação: George R. Cardim e outros. – Brasília: Senado Federal, 2008. 60 p. Disponível em:

**Patrimônio: o lixo***Vânia Valduga; Lizete Dias de Oliveira*

---

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_boas\\_praticas\\_ambientais.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_boas_praticas_ambientais.pdf).

Acesso em 10 out. 2010.

<sup>34</sup>Imagem 4. Disponível em: <http://redacaojornalistica4.blogspot.com/2009/12/lixo-um-problema-social.html>.

Acesso em: 29 nov. 2010.

<sup>35</sup>GONÇALVES, op. cit., p. 14.

<sup>36</sup>GUILLAUME, op. cit., p. 72.

<sup>37</sup>CERTEAU, 1978 apud Guillaume, op. cit., p. 82.

<sup>38</sup>GUILLAUME, op. cit., p. 72.

<sup>39</sup>Ibid. p. 96.

<sup>40</sup>Ibid. p. 71